

Organizações que apoiam as vítimas

Após a admissão pública do escândalo, por Bertie Ahern, em 1999, foram criados vários grupos de apoio às vítimas de abusos nas escolas industriais da Irlanda do século XX. Lutam por justiça e indemnizações, dão assistência psicológica, jurídica, ajudam a encontrar familiares...

ALLIANCE SUPPORT GROUP

• Criada em 1999, após o reconhecimento feito pelo Governo e pelas congregações da Igreja às vítimas de abusos físicos e sexuais, a Alliance Support Group oferece aconselhamento psicológico, ajuda as vítimas e as suas famílias a candidatarem-se às compensações – pagas pelo Conselho de Indemnizações – e tem um serviço de localização de familiares para os que não sabem dos seus. Tom Hayes, ex-aluno em Glin, é o seu secretário-geral.

IRISH SOCA

• A secção irlandesa da britânica Survivors of Child Abuse, SOCA, tem como seu porta-voz John Kelly – um antigo aluno da escola industrial de Daingan, no condado irlandês de Offaly. “Eu não era o John Kelly, era o número 123”, gritou, visivelmente exaltado, no dia em que o relatório Ryan foi apresentado num hotel de Dublin. A SOCA está entre as organizações que exigem que as congregações religiosas paguem 600 milhões directamente às vítimas.

ONE IN FOUR

• A One in Four foi criada no Reino Unido, em 1999, por Colm O’Gorman, actual director da Amnistia Internacional irlandesa que foi abusado sexualmente por um padre enquanto criança. A organização estabeleceu-se depois na Irlanda, em 2002, prestando hoje assistência a vítimas de abusos sexuais e às suas famílias e amigos. Psicoterapia e ajuda jurídica estão entre as funções da organização, hoje dirigida pela psicoterapeuta Maeve Lewis.



Paddy, aos oito anos, abençoado por cardeal



Paddy Doyle foi operado 11 vezes à cabeça por causa... dos pés. Está em cadeira de rodas desde os dez anos

Activista dos direitos dos deficientes e defensor do uso terapêutico da marijuana

► para ir ao Supremo Tribunal, com as suas próprias provas, porque o relatório Ryan não serve de prova. Apesar de tirar conclusões contundentes, a comissão do juiz Sean Ryan, que ouviu 1090 testemunhas, atribuiu pseudónimos a todos os alegados culpados de abusos.

Noutra ponta de Dublin, Paddy Doyle, que aos 58 anos tem que lidar não só com as memórias de agressões físicas e abusos sexuais, mas também com a deficiência a que uma operação malfeita o votou, explica que é indecente ser o dinheiro dos contribuintes a pagar a maior parte das indemnizações que têm sido atribuídas às vítimas. Activista de direitos humanos e defensor do uso da marijuana para fins terapêuticos, Doyle está numa cadeira de ro-



das desde os dez anos. Nessa altura, as freiras da escola St. Michael em Cappoquin, que lhe batiam a torto e a direito, fosse por ele urinar na cama, por dizer que vira um homem enforcado ou por não ter polido bem o chão, levaram-no ao hospital porque ele arastava um dos pés. “Algum médico decidiu que o que tinha nos pés estava relacionado com o sistema neurológico e operaram-me, 11 vezes, ao cérebro. Eu conseguia andar antes da primeira operação, mas, depois dela, as minhas pernas começaram a fazer coisas que eu não queria e, de um momento para o outro, já nada funcionava”, conta, explicando que,

dos oito aos 18 anos, a sua vida foi passada em hospitais. “Nunca mais recebi a visita das freiras, elas deviam fazer o papel dos pais, mas os pais não fariam isso”, lamenta, durante uma conversa no jardim do hotel que fica perto de sua casa.

Mas eis que, ao atingir a maioridade, um anjo apareceu na sua vida. “Fui adoptado por uma mulher viúva, que já tinha sete filhos dela, mas não se importou com a minha deficiência. Ela encorajou-me a fazer coisas que não fazia, por medo dos outros, como estudar, andar de autocarro. Foi então que passei a fazer tudo como os outros adolescentes: bebia, fu-

“Após a operação, as minhas pernas começaram a fazer coisas que eu não queria”
Paddy Doyle
Ex-aluno em Cappoquin

mava, saía à noite, cortejava raparigas.” E numa dessas noites de borga, quando tentava entrar numa discoteca, conheceu a futura mulher, uma enfermeira. “O dono da discoteca não me deixou entrar e eu fiquei à porta a protestar durante três noites. No final, já com os media lá, obriguei-o a dizer que nunca mais discriminaria ninguém pela deficiência”, conta o activista, hoje com três filhos e dois netos.

O único parente mais próximo dos pais que conheceu, há 20 anos, foi um tio. “Eu andava a dar entrevistas na televisão por causa do livro que escrevi, alguém viu e ligou-me a



DIREITOS RESERVADOS